

PROCESSOS AVALIATIVOS DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS

TAMIRES JARA GOULART¹; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL²

¹Universidade Federal de Pelotas – tamigoulartjr@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gilsenira_rangel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender os processos de avaliação realizados em uma escola pública de Pelotas, a partir da visão dos professores, e se essas avaliações levam em consideração o ritmo de desenvolvimento dos alunos com necessidades específicas.

Há muito tempo se fala em inclusão e formas de preparar os docentes para receber alunos com algum tipo de necessidade seja ela física, intelectual ou social. Discute-se muito sobre o direito do aluno com deficiência ingressar nas instituições regulares de ensino. Mas, e a permanência desses, é garantida como? Será que as escolas se empenham em manter esse aluno da mesma forma que se empenham para cumprir a lei? Ou estão apenas cumprindo a lei sem problematizar a permanência e o desenvolvimento deste aluno?

Levando esses aspectos em consideração, fica o questionamento sobre a avaliação: será que as formas de avaliar os alunos também progrediram junto com o debate que vem sendo feito sobre a inclusão?

Durante muito tempo a avaliação foi um poderoso instrumento de exclusão e controle dos alunos. As avaliações eram utilizadas somente com o intuito de classificar cognitivamente os alunos e excluir os que não conseguiam alcançar o desempenho desejado (e imposto) pelas instituições de ensino.

Será que hoje a avaliação desempenha um papel diferente desse? Ou conseguimos avançar nesse aspecto?

Para Hoffmann (2010, p.17), “a avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões”. Portanto, a avaliação deve ser um processo constante e reflexivo não apenas algo mecanicista e classificatório. Avaliar é conhecer a realidade do aluno e suas possibilidades para auxiliar no seu desempenho.

A pesquisa tem como objetivo analisar os instrumentos de avaliação utilizados pelos professores desta escola para os alunos com necessidades específicas e procurar identificar se as avaliações auxiliam ou não no desenvolvimento dos alunos.

2. METODOLOGIA

Este trabalho, de cunho qualitativo, caracteriza-se como um estudo de caso. Num primeiro momento são dois sujeitos, professores da rede pública municipal de Pelotas. A pesquisa utilizou-se de um questionário semiestruturado direcionado aos professores, visando à compreensão dos métodos de avaliação de acordo com a percepção dos mesmos. As perguntas foram relacionadas ao tempo de experiência na área da educação e os métodos de avaliação utilizados por eles com seus alunos com necessidades específicas.

Para Moraes (2003, p.191), “a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação onde a intenção é a compreensão”. Desse modo, o intuito do questionário é compreender quais são os critérios utilizados pelos professores para avaliar seus alunos com deficiência. Com os dados, poderemos perceber como está o processo de avaliação inclusiva nas escolas públicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O professor A, se formou há três anos em Licenciatura em Educação Física, com especialização em Educação Física Escolar. A professora B, se formou há 14 anos em Licenciatura em Geografia e é especializada em Psicopedagogia.

Foram feitas 11 perguntas com a intenção de conhecer um pouco as experiências de cada professor e, principalmente, o que pensam sobre a avaliação. O que mais chama a atenção foi a divergência de ideias sobre os métodos de avaliação, levando em consideração que os professores trabalham com as mesmas turmas, ou seja, com os mesmos alunos com necessidades específicas.

Dentre as perguntas feitas, destaquei quatro que versam sobre avaliação e inclusão dos alunos com deficiência:

1) O que você pensa sobre inclusão?

Professor A: “A inclusão é um processo em andamento, é uma coisa que ainda não está bem pronta, mas eu acho extremamente positivo. Em diversos momentos da minha prática eu consigo observar o quanto ela é positiva, tanto para o aluno com deficiência quanto para os colegas. Eu acho mais importante do que qualquer avaliação a relação que eles conseguem estabelecer com os colegas, de ajuda, de troca”.

Professor B: “A maior dificuldade é saber como a gente trabalha com eles, é um desafio, porque, vou te ser bem sincera, a gente pensa ou tenta trabalhar com eles. Porque nosso trabalho fica muito abaixo do que eles precisam. Eles estão muito mais aqui para socializar com outras pessoas do que para aprender necessariamente. Eu acho que tem que adaptar toda a escola, esse sistema tem que ser adaptado. Acho que nem um aluno, digamos com condições normais, tem essa adequação. Com toda essa precariedade do sistema educacional o aluno com necessidade especial é só mais um no meio dessa precariedade toda”. Neste momento, ela começou a falar sobre os problemas de estrutura da escola e acabou desviando do foco principal.

2) Você tem algum plano diferenciado para esses alunos?

Professor A: “Então, tem sim, eu procuro sempre, primeira coisa, descobrir qual o laudo que a escola tem, tento me inteirar um pouco sobre a deficiência e a partir daí eu planejo as minhas aulas. Vejo o que eu posso adaptar, onde eu consigo adaptar minhas atividades e como que eu vou avaliá-los também”.

Professora B: “Nem sempre!”.

3) Como são feitas as avaliações para esses alunos?

Professor A: “Todos os que têm o laudo são avaliados por parecer, então eu sempre me baseio no que eles conseguem fazer, um pouco na minha intuição de professor, um pouco no que a limitação deles apresenta porque que a gente tenta perceber no dia a dia, e qual objetivo eles conseguiram

alcançar. Dentro disso, é o que eu avalio no parecer, coloco o que o aluno conseguiu executar, de que forma ele conseguiu, basicamente é isso”.

Professora B: “Olha, vou te ser bem sincera, é muito difícil fazer avaliação com eles, o que a gente faz na avaliação é ver como eles vão se desenvolvendo na aula, a gente até faz avaliação diferenciada, mas eu não vejo um sentido naquelas provas. Como eles têm essa deficiência, é muito devagar tudo o que eles conseguem desenvolver. Então eu procuro observar muito mais o que eu vejo neles durante a aula do que aquela avaliação tradicional que eu acabo aplicando para eles, não que eles não façam, mas o resultado é no conjunto que a gente vai vendo”.

- 4) Em sua opinião, os métodos de avaliação auxiliam ou dificultam o desenvolvimento dos alunos com deficiência? Explique.

Professor A: “Difícil, o parecer descritivo é positivo, ele facilita até na própria parte de tu pensar como avaliar, o que exatamente vai avaliar. Aí é um exercício, toda vez que a gente pensa em avaliação a gente tem que se mexer, tentar enxergar o propósito. Parecer é o caminho, eu gosto muito da avaliação por parecer principalmente com o aluno com deficiência, mas o método com nota não, não tem como tu dar um número para isso, entende?! Tu tem que mudar a tua forma de enxergar tua avaliação”.

Professora B: “Na minha opinião, o que menos importa pra mim é a avaliação deles, porque a gente trabalha com o que eles conseguem desenvolver, agora se eles vão fazer uma prova boa ou ruim pouco me importa, eu faço porque é uma tradição, digamos assim, tanto que eu não boto nem nota”.

Em uma conversa informal com a diretora, perguntei se os alunos com deficiência participavam das provas nacionais. Ela respondeu: “Quando têm, eles participam sim, às vezes ficam fazendo outras coisas para não se sentirem excluídos, mas participam. O importante é que eles socializem”. Em algumas falas dos professores entrevistados a palavra socialização também apareceu. A professora B chegou a afirmar, inclusive, que os alunos com deficiência estavam ali mais para socializar do que para aprender.

4. CONCLUSÕES

Analisando as respostas dos professores, podemos perceber que há uma tentativa de acompanhar os processos de inclusão, porém, com muitas dificuldades e incertezas. Enquanto um professor diz que é preciso mudar a forma de enxergar a avaliação, a outra professora admite seguir com os métodos tradicionais de avaliação e nem dar nota. Como será que se sente um aluno após realizar um enorme esforço para fazer uma avaliação e nem sequer ser atribuída uma nota para isso? No mínimo, podemos imaginar a frustração deste aluno por não ter seu esforço reconhecido e valorizado. Outro ponto que chama a atenção é, segundo a professora B, a dificuldade de se trabalhar com a inclusão, como se todos os outros que não possuem alguma deficiência fossem iguais.

Tanto os professores quanto a própria diretora utilizaram muito o termo “socialização” ao se referir à inclusão de alunos com deficiência. Na visão destes incluir é fazer com que esses alunos socializem com os demais colegas. Portanto, eles não compreendem o verdadeiro sentido da inclusão como também desconhecem o que significa na prática a socialização. Socializar é mais do que somente estar em contato com outras pessoas, é enriquecer sua história através das trocas com experiências de outras histórias de vida. Assim como incluir não

significa apenas socializar, mas é respeitar e compreender que aquela pessoa pertence aquele espaço e não precisa de permissão ou da boa vontade de alguém para ali estar. Portanto, se os professores desconhecem o que é inclusão, como irão trabalhar de forma inclusiva dentro da sala de aula?

Isso reflete direto na avaliação, pois, se o educador não compreende as particularidades dos seus alunos ou não as enxerga, não será capaz de avaliá-los de uma forma que os objetivos desejados correspondam com as capacidades de cada um. Uma avaliação equivocada ou que foge das possibilidades dos alunos faz com que eles se sintam incapazes de progredir, o que é uma das grandes causas da evasão escolar.

Se para os educadores os alunos estão na escola somente para socializar, onde entra a educação? Quer dizer que os alunos com deficiência não têm direito de aprender e se tornarem capazes de refletir sobre seu papel na sociedade. O que eles fazem fora da escola? Socializar é só dentro da escola? Eles não socializam em casa? Não têm amigos? Essa triste visão de que o aluno com deficiência não tem uma vida fora da escola e que ele está ali somente para se sentir parte de algo é que faz com que a inclusão não avance. O aluno com deficiência não está ali para se tornar parte de nada, ele já é parte disso tudo ao nascer. Ele está ali para aprender a se desenvolver cognitivamente e ensinar como é que se trata os diferentes com respeito, afinal, você já viu alguém com deficiência lhe tratar mal porque você é diferente deles?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista.**/Jussara Hoffmann. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MORAES, R. Análise de conteúdo. Educação, Porto Alegre, v. 22, n.37, p. 7-32, mar. 1999. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.